

## **Análise das construções idiomáticas negativas enfáticas: uma visão cognitivista**

Azussa Matsuoka\*

Luciene Ferreira da Silva Guedes\*

**RESUMO:** Este trabalho se propõe a analisar o processo de produção e compreensão de Expressões Idiomáticas Negativas Enfáticas do tipo *nem que a vaca tussa, nem que chova canivete* sob a perspectiva da Hipótese Fraca da Composicionalidade.

Palavras-chave: Negativas enfáticas; Idiomáticas; Composicionalidade.

### **Palavras iniciais: A questão da composicionalidade na construção do significado**

Desde sempre o homem preocupa-se e volta sua atenção para a relação entre as palavras e as coisas que elas significam. E existiria uma ligação natural entre os nomes e as coisas nomeadas ou essa ligação é resultado puro e simples de convenção? O fenômeno da significação é um dos pontos cruciais para as diversas teorias semânticas e pode ser considerado um grande divisor de águas entre as mesmas.

A análise da produção e compreensão do significado sentencial, ou seja, do modo como as partes de uma sentença se relacionam para formar seu significado global difere muito dentro das correntes semânticas. De um lado, a tradição dos estudos lingüísticos, de orientação formalista por exemplo, compreende que os significados das sentenças podem ser obtidos através dos elementos lexicais isolados e da maneira como estes se relacionam.

Nessa perspectiva, dos estudos de cunho formalista, que se baseia quase unicamente em estruturas lingüísticas per si, é colocada de lado toda e qualquer intervenção subjetivista, ou seja, o sujeito não figura no processo de construção do significado, como consequência disso são ignorados os processos sociais, culturais e históricos que subjazem a todo conhecimento lingüístico do ser humano - o significante é o principal ponto de partida.

Segundo Pinker (2004), o sistema combinatório discreto denominado “gramática” torna a Linguagem humana infinita, digital e composicional. Esta teoria, parece se adequar fortemente ao modelo da lógica dedutiva formal, pois assume, dentre outras coisas, que o significado é baseado sobre verdade e referência; relação entre símbolos e coisas no mundo; que a mente humana é separada e independente do corpo; que a Gramática é pura forma.

Fillmore (1979) sugere que o estudo do significado no Modelo Formalista é abordado do ponto de vista composicional, ou seja, o significado sentencial seria resultante de uma “seleção” de um significado dentro de um leque pré-definido de significados possíveis - que possuem as palavras que formam a sentença - fora daquele contexto. Tal abordagem remete a uma possível *competência semântica* do usuário que pode ser medida em termos de *composicionalidade*, ou seja, quanto mais significados o falante conhecer e quanto mais habilidade tiver para integrá-los a partir de regras gramaticais e semânticas, mais competente para compreender sentenças ele será.

Sob essa ótica enquadra-se a Hipótese Forte da Composicionalidade, defendida pelo formalismo, cujo argumento se baseia no fato de que o significado de uma expressão lingüística pode ser obtido através da soma do significado literal das suas partes constituintes, levando-se em conta os princípios de combinação dessas partes e excluindo-se a constituição do significado do todo ou de qualquer conhecimento de mundo ou efeito pragmático. Tal modelo não admite ambigüidade, sinonímia, homonímia e vagueza.

Nesses termos, a Hipótese Forte da Composicionalidade explica com propriedade exemplos como *guarda-roupa*. Essa palavra seria a soma dos significados do verbo *guardar* e o substantivo *roupa*. Todavia, exemplos de itens lexicais como *prisioneiro* e *carcereiro*, que fogem à regra composicional, ficam relegados à periferia dos estudos lingüísticos. Derivadas de palavras sinônimas *Prisão e Cárcere*, e seguidos do sufixo *-eiro*, a soma dos significados produz significados opostos.

Fillmore (1979), por sua vez, ironiza o modelo formalista sugerindo uma segunda idealização, a do FALANTE/OUVINTE INOCENTE, a fim de demonstrar que muitas expressões são incalculáveis, ou seja, o significado das mesmas não pode ser determinado somente por sua estrutura sintática e morfológica, fazendo um emparelhamento do conceito de falante/ouvinte ideal numa comunidade de fala homogênea proposto por Chomsky (1965) em seu modelo formal de análise da Faculdade da Linguagem.

Para Fillmore o falante/ouvinte inocente conhece os itens lexicais de sua língua e seus significados, reconhece estruturas gramaticais que possibilitam a combinação dos mesmos. Porém, sua competência semântica é vista nos termos da composicionalidade, então, ele não sabe fazer cálculos passados, cada vez que uma estrutura reaparece é tida como totalmente nova, e constrói sentenças que expressem, de forma tão direta quanto possível, aquilo que deseja comunicar.

Através de vários exemplos de expressões idiomáticas, Fillmore sugere que a Hipótese Forte da Composicionalidade não dá conta do processo de construção do significado em grande parte das construções que se fazem presentes na vida dos usuários da língua. Não há, pois, como negar que são os idiomatismos e, conseqüentemente, as expressões idiomáticas que proporcionam a diversidade e diferenciam o discurso, merecendo assim figurar no centro dos estudos lingüísticos.

A fim de superar as limitações dos modelos tradicionais, a lingüística sociocognitiva, que postula uma linguagem “viva” na qual o sujeito é atuante na construção do significado, adota a Hipótese Fraca da Composicionalidade, ou seja, não nega a composicionalidade, mas admite suas limitações, visto que as partes não dão conta do todo quando separadas linearmente. Tendo em vista que o todo é menor e mais simples que as partes, aborda os princípios cognitivos de integração de conceitos. Focalizando sua investigação sobre um falante/ouvinte real, histórico, cultural e socialmente inserido.

Assim sendo, o usuário não necessita de uma “competência semântica” para compreender um enunciado. Necessita, antes, de uma mente dotada, nos termos de Fauconnier & Turner (2002), de Identidade, Integração e Imaginação. *Identidade* que permite que ele identifique as estruturas lexicais e sintáticas, *Integração* que lhe confere capacidade de efetuar integrações conceptuais e de se posicionar no contexto sócio-cultural e *Imaginação* para criar e compreender novas integrações.

Tendo em vista o caminho aberto pela lingüística cognitiva para investigação de fenômenos como a idiomaticidade, este trabalho busca analisar a construção do sentido em Expressões Idiomáticas Negativas Enfáticas do tipo: *Não vou à festa nem que chova canivete, nem que a vaca tussa, nem que a galinha crie dentes, nem morta, etc.*, sob tal perspectiva. Dessa forma, procuraremos descrever duas construções básicas que podem ser consideradas a matriz de uma rede em que se articulam diferentes tipos de construções Idiomáticas Negativas Enfáticas. A primeira delas são as construções de dupla negação e a segunda as construções subordinadas concessivas.

## **1. O fenômeno da dupla negação**

A dupla negação é um fenômeno peculiar em algumas línguas e muitas vezes “proibido” em outras. No Inglês, por exemplo, o chamado “Standard English”, ou seja, a

gramática padrão, rejeita fortemente a dupla negação. No entanto, é possível perceber que em grande parte das línguas humanas tal construção é bastante utilizada, ou seja, os usuários multiplicam vocábulos negativos numa sentença a fim de reforçar uns aos outros.

Esse é um fenômeno interessante no que concerne a Hipótese Forte da Composicionalidade, pois uma dupla negativa vista em termos algorítmicos seria uma afirmativa. Tomemos como exemplo a expressão lingüística *não vejo nada*, a soma das partes NÃO + VEJO + NADA seria igual a VEJO TUDO. No entanto, essa não é a interpretação recorrente para os usuários reais do Português, que compreendem a segunda negação como um reforço da primeira.

Em enunciados como *não vou não, não vi nada, não vi ninguém, nunca vejo nada, não sei de nada, não vou de jeito nenhum, etc.*, teríamos a estrutura sintática correspondente a [SN Neg V Neg], sendo que a negação (Neg) pode ser o advérbio **não** ou um outro elemento negativo (nada, nenhum, nunca, ninguém, etc.).

Um exemplo de que a dupla negação está presente não só na linguagem cotidiana é a sua ocorrência na literatura clássica portuguesa. "Nada sou, nada posso, nada sigo./ Trago, por ilusão, meu ser comigo", escreveu Fernando Pessoa, reduzindo a negação ao menor termo possível. O que não o impediu de, em outro poema, dizer: "Não sou nada./ Nunca serei nada./ Não posso querer ser nada", empilhando negações duplas.

A presença da dupla negação desde a primeira infância do português lhe garante assento cativo naquilo que se costuma chamar de "espírito da língua". Se reescrevermos os versos acima, com o acréscimo de advérbios de negação nos primeiros e a subtração deles nos últimos, teremos as mesmas "mensagens", mas não a mesma força e vigor poéticos.

Enfim, a dupla negativa é uma construção legitimada na língua portuguesa, são muitas as situações nas quais utilizamos duas ou mais palavras negativas. O uso do pronome indefinido *nenhum*, por exemplo, quando este não ocupa a posição sintática de sujeito numa sentença, parece até mesmo "exigir" que haja um *não* anterior, como nos exemplos: o jogador não fez nenhum gol; isto não é nenhum sacrifício; "Amar não é nenhum brinquedo"; "ACM não é nenhum Churchill"; "Esta lavadora não é nenhuma Brastemp"; etc.

Mesmo no inglês, idioma no qual as negativas enfáticas são condenadas para o uso formal, é possível encontrar inúmeros exemplos como o encontrado na música do grupo Backstreet Boys, em que a partícula *ain't* traz um verbo contraído na forma negativa e vem seguida da palavra negativa *nothing*, constituindo assim uma dupla negação.

*Don't wanna hear you say*  
*Ain't nothing but a heart ache*  
*Ain't nothing but a mistake*  
*(Don't wanna hear you say)*  
*I never wanna hear you say (oh yeah)*  
*I want it that way*

O exemplo acima, somado aos postulados da Hipótese Fraca da Composicionalidade e às concepções defendidas pela lingüística cognitiva, vem reforçar a idéia de que as línguas estão muito além da lógica formal.

## 2. As negativas enfáticas

Outro tipo de construção já cristalizado na língua, é a oração subordinada concessiva. A mesma exprime que um obstáculo – real ou suposto – não impedirá ou modificará de modo algum, a declaração da oração principal. Dessa forma, *Embora chova, irei* é uma oração que indica que a chuva não será obstáculo tal que me impedirá de sair (BECHARA, 1999).

A oração *Eu não faço isso mesmo que ele chore*, possui uma estrutura sintática [SN Neg V SN'] para a oração principal; e uma estrutura [cc Vsubj SN''] constituída de uma conjunção concessiva (cc), um verbo que geralmente se encontra no subjuntivo (Vsubj) e um SN que pode estar antes ou depois do verbo para a oração subordinada.

Dessa forma, construções do tipo:

- (i) Eu não vou não.
- (ii) Eu não vou de jeito nenhum.
- (iii) Eu não vou mesmo que ele peça.
- (iv) Eu não vou nem que chova canivete.

Reforçam a hipótese de que as Idiomáticas Negativas Enfáticas, constituem um caso de herança múltipla, das negativas duplas e das subordinadas concessivas, ou seja, além de haver um obstáculo na subordinada que não impedirá a ação da oração principal, há a intenção de reforçar a primeira negativa. Esse tipo de construção herda estrutura sintática de ambas as

construções matriciais, com a obtenção de uma configuração básica [SN Neg V SN' Neg que SN" V subj. (SN)].

Aparentemente, enunciados como esses derivam de uma rede de construções com significados interligados, sendo que as Expressões Idiomáticas Negativas Enfáticas possuem um efeito pragmático específico, com a intenção de atribuir um efeito jocoso e criando uma situação inusitada, que se encontra expressa na oração subordinada concessiva.

A partir do exposto acima, chegamos à conclusão de que essas expressões se configuram como expressões do tipo “*X não Y nem que Z aconteça*”, sendo que a subordinada expressa um reforço à negação da oração principal. Essa mesma estrutura pode servir de hospedeira ou motivar novas formas que se cristalizarão ou não na língua.

O efeito pragmático das Expressões Idiomáticas Negativas Enfáticas é o de criar um efeito jocoso a uma asserção já previamente estabelecida. A minha decisão de *não fazer isso* já havia sido tomada antes mesmo de eu dizer qual é a concessão. É impossível que *a galinha crie dentes*, mas mesmo havendo uma possibilidade virtual, não será esta a concessão que modificará a asserção da expressão [SN Neg V SN']. Considerando que a expressão [cc Vsubj SN"] em nada muda a assertiva inicial, seu efeito é de reforço da primeira negação, mas seu valor pragmático não é o mesmo, é muito maior, é como se ela não só reforçasse a oração principal, mas também multiplicasse seu valor negativo infinitas vezes (diretamente proporcional ao absurdo da oração subordinada).

Vale ressaltar que a oração subordinada concessiva da qual a expressão idiomática em estudo é herdeira, é uma alternativa polissêmica para a construção matriz - (1) *Eu não faço isso nem que a vaca tussa* seria equivalente à sentença *Eu não faço isso nem que eu possa (fazê-lo)*. Entretanto, como dito anteriormente, nem de longe a construção “mãe” tem o efeito semântico-pragmático de sua herdeira.

SN Neg V SN'	cc	Vsubj SN
(1) Eu não faço isso	NEM QUE	A vaca tussa A galinha crie dente Chova canivete
(2) Eu não faço isso	NEM	Morta Amarrada
(3) (Eu não faço isso)	NEM	...

O quadro acima reflete a possibilidade de construções que são criadas na língua a partir de uma estrutura fixa que como já dissemos anteriormente constitui uma herança

múltipla de dois nódulos das construções (a dupla negação e as orações subordinadas concessivas), que são criadas na língua, reiteradas no uso, e gramaticalmente congeladas. Essa seria uma explicação possível para o caso do exemplo (3) no qual se torna desnecessária a complementação da expressão idiomática, visto que a palavra *nem* já traz consigo o valor de Vsubj SN.

- Você vai à festa?
- *Nem...*

No diálogo acima, é desnecessária a complementação lingüística. Fica clara a fragilidade da Hipótese Forte da Composicionalidade, que não poderia explicar como é possível compreender o sentido de (3) a partir de uma única conjunção.

A lingüística cognitiva, abordando os conceitos de motivação e herança, assume que a gramática é motivada, ou seja, a forma não é autônoma, não se autojustifica. Sendo assim, há uma motivação corporal, social, cultural e interacional, a partir da qual os sentidos são reiterados formando a gramática, que possibilita a criação de novas formas herdeiras de formas anteriores, tendo em vista que as línguas se organizam como redes de construções. “Esse é um ponto crucial para a lingüística cognitiva, que postula que a gramática não é forma, mas é concreta, uma construção do par forma/sentido, sendo este último semântico e pragmático”.

### **Considerações finais**

No presente estudo buscamos explicitar e analisar, ainda que sucinta e modestamente, a complexidade envolvida na produção e compreensão das Construções Idiomáticas Negativas Enfáticas.

A análise de tais expressões oferece evidências que apontam para a inadequação da Hipótese Forte da Composicionalidade, assumida pelo modelo formalista. Tal hipótese, ao assumir que o todo é a soma das partes, não dá conta, portanto, da rede de construções de sentidos existente na linguagem., visto que o sentido não é tão previsível quanto prega o formalismo, e o modelo inocente.

Estudos sobre o fenômeno da idiomaticidade, tal como as Negativas Enfáticas, vistas sob a perspectiva da Hipótese Fraca da Composicionalidade, vem reforçar a idéia de que o significado não reside na forma, mas temos o poder de alcançá-lo através de grandes redes de

integração conceptual, que envolvem vários aspectos de nossa corporeidade e de nosso conhecimento cultural e social.

Fillmore (1979) tem o mérito de chamar a atenção para o fato da extrema simplificação da capacidade interpretativa dos usuários da língua dentro do modelo formalista, que toma como exceção tudo que não é composicional. Portanto, qualquer teoria semântica que trate o significado como uma construção ao invés de uma simples seleção, deve ir além do modelo inocente.

Não pretendemos com esta análise nem de longe esgotar o assunto, mas sim reforçar a crença na relevância do sujeito “encarnado”, ou seja, portador de um conjunto de sistemas que inclui a memória, a percepção, as experiências corporais e sócio-culturais, que se integram e interagem na construção do conhecimento de mundo e na sua capacidade de integrar com seus semelhantes.

## Referências

- BECHARA, E.. *Moderna gramática portuguesa*. 37 ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999, p.319-330.
- CHOMSKY, N.. *Aspects of the theory of Syntax*. Cambridge: Mit Press, 1965.
- FAUCONNIER, G. & TURNER, M.. *The way we think – conceptual blending and the mind’s hidden complexities*. Nova York: Basic Books. cap. 1, 2002.
- FERNANDINO, H. M. *As expressões comparativas hiperbólicas idiomáticas*. 2003. Dissertação (Mestrado em Letras - Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2003.
- FILLMORE, C. J.. *Inocence: a second idealization for linguistics*. Proceedings of the Fifth Berkeley Linguistics Society, 1979.
- PINKER, S.. *O instinto da linguagem: Como a mente cria a linguagem*. São Paulo: Martins Fontes. cap. 11, 2004.

---

\* Alunas do Programa de Pós-Graduação da UFJF – Mestrado em Letras – Lingüística. Sugestões, críticas e discussões poderão ser realizadas em [lgcognitiva@yahoo.com.br](mailto:lgcognitiva@yahoo.com.br)